

## Um notável aconteci- mento operário que a política divisionista não conseguiu amortecer

Se dúvidas existissem sobre o valor intrínseco da organização confederal elas dissipar-se-iam com o resultado a que chegou o seu primeiro congresso, que há dias em Santarém encerrou os seus trabalhos. E se atendermos a que na magna assembleia da cidade escalpitada apenas tinham assento os organismos filiados na C. G. T., hemeros de convir que o seu resultado foi o mais lisonjeiro possível, excedendo a melhor das expectativas.

Pela primeira vez, na história do movimento operário português, apenas tomaram parte na discussão dos problemas operários os organismos que formam a central operária e em cuja vitalidade reside a vitalidade do expoente máximo da organização operária — a Confederação Geral do Trabalho. A pesar dessa circunstância, conseguiram reunir-se em Santarém 116 organismos o que representa um «quantum» considerável e duma importância capital num país onde estão por criar muitos organismos sindicais.

Das suas resoluções já nos fizemos eco na desenvolvida reportagem que demos de tão importante acontecimento operário. Duas há, porém, que neste momento nos merecem um interesse particular por virem em reforço do que atrás deixámos asseverado.

Queremos referir-nos à posição internacional da organização operária portuguesa e à criação do Secretariado Confederal.

Da primeira, como é óbvio, apenas foi ratificada a adesão à Associação Internacional dos Trabalhadores, que um «referendum» aos organismos confederados produziu. Logo, portanto, a partir deste momento não pode haver, em boa lógica de organização, qualquer manifestação tendente a anular uma resolução referendada pelos organismos sindicais e ratificada por um congresso, quer em benefício de Moscú, quer em benefício da neutralidade internacional. Esta resolução definitiva ficou devidamente assegurada, repetimos, com uma questão prévia, que oportunamente publicámos, votada em Santarém.

Do Secretariado Confederal também algo devemos dizer. O Congresso Confederal modificou um pouco o princípio do Secretariado proposto pela comissão organizadora. Não é o Conselho Confederal que nomeará o Comité e deste que sairão os restantes membros da comissão administrativa. Não! Esse cometimento reivindicou-o para si o Congresso, elegendo o Comité Confederal onde se encontra o Secretariado Confederal, eleito juntamente com os elementos da comissão administrativa da C. G. T., que juntamente com o director de *A Batalha* e o C. Jurídico eleitos no Conselho Confederal constituem o Comité. Quer dizer, o actual Comité não possui secretário geral cuja função política-social passa a ser desempenhada pelo Secretariado, ou seja pelos três secretários — administrativo, da secção de Uniões e da secção de Federações. Este simples esclarecimento que reputamos necessário, tem o fim de tornar conhecida uma resolução das mais importantes que o Congresso tomou.

Recopilando: O Congresso de Santarém, tanto pelas resoluções a que nos referimos neste artigo como em tantas outras que na reportagem salientamos, marcou um notável acontecimento operário que a obra dos defectistas nem sequer conseguiu empalidecer.

## O estado da sítio em toda a Grécia

ATENAS, 6. — Foi proclamado o estado de sítio em toda a Grécia, em consequência das consecutivas desordens provocadas pelos adversários políticos do primeiro ministro Pangalos.

O antigo primeiro ministro e «leader» republicano Papanastasiu vai ser julgado pelos tribunais militares.

## Cumprimentos

Vieram no passado domingo apresentar os seus cumprimentos a prestimosos Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda e a Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense. Muito penhorados retribuimos as saudações e fazemos votos pelas prosperidades das duas instituições.

## O porto grande de São Vicente levará 5 anos a construir e custará, aproximadamente, 1 milhão de libras

### Como a «mãe-pátria» lesa, anualmente, em mais de 1 milhão de francos a colónia cabo-verdeana

Numa das minnas actuais crónicas o acentuei que o mais urgente e importante problema de Cabo Verde é o da arborização e aproveitamento dos terrenos incultos, não só pelo que representa de valorização e fomento agrícola-industrial como, e principalmente, pela influência possível que tal arborização intensificada poderia vir a ter na regularização das chuvas, afastando, assim, o espectro da fome que é o maior flagelo da gente pobre destas ilhas.

Tendo verificado, por vários testemunhos e exemplos práticos, que esse plano de arborização e cultura é possível, ajuntando-se até a *purificação*, a *adicia ardida*, *agave*, *cizal* e muitas outras como espécies experimentadas que bem têm provado naqueles terrenos, e a que seguiriam culturas mais ricas e aporadas — posso concluir que a solução dessa crise mortífera não é um devaneio de jornalista, bastando para isso que o governo notifique aos concessionários de terrenos que estes não lhe foram cedidos para se conservarem incultos, e que tem o prazo X para cumprir os contratos, findo o qual, se não cumprissem, o Estado lhes anularia as concessões.

Também cuido que esta última parte não é broma indolite ou violência desmarcada, porque sei que o actual governador de Cabo Verde assim mesmo pensa e assim está procedendo pelo que respeita a diversos concessionários de cultura de algodão, que não cumpriam as bases da concessão.

Apontado isto, e demonstrado que só no desenvolvimento agrícola os 160 mil indivíduos que vivem no arquipélago podem encontrar a segura garantia da sua vida e subsistência, triplicando, então, uma expansão comercial que lhes assegure o movimento real dos seus portos, e lhes traga a possibilidade da criação de tantas indústrias novas, não será exagero taxar de malefícios todos aqueles governantes que não iniciarem, urgentemente, essas medidas, a não ser que esses milhares de indivíduos que freqüentemente morrem de fome por ocasião das grandes crises constituam bagagem de menor importância e, nem, ao menos, sejam um valor económico a considerar. E obra larga que leva muitos anos a realizar.

Perfeitamente. Mas alguma vez há-de ter o início. Recapitule, marcadamente, este aspecto da questão, porque constitui o principal traço da vida social cabo-verdeana e porque a ele estão ligados e subordinados os mais importantes interesses desta província ultramarina.

Quando aparecer uma nova crise e os famintos de Cabo Verde tombarem de fome nas valetas, oferecendo um espectáculo macabro à Europa civilizada, ali em Portugal só terão que pedir responsabilidades à mesquinha política colonial que engendra ministérios de colónias onde os ministros são fantasmas, despachando governadores efêmeros que nem sequer têm tempo de tomar conhecimento do mais simples expediente, na maioria dos casos.

A este crime se chama, por aí, pomposamente, inconscientemente, *política colonial*. Devo dizer que destes reparos exceptivo o actual governador de Cabo Verde, colonial com larga vida e grandes conhecimentos de África, e que administra com justiça, inteligência e vontade, como eu próprio verifiquei. Porém a sua obra está no

início e encontra todas as peias burocráticas que são velha norma do trópego governo central do Terreiro do Paço.

Como aquela grande obra de fomento agrícola exige tempo e dinheiro, têm os caboverdeanos que pensar na realização dum plano mais rápido de fomento que os habilite com as necessárias receitas e que vá mantendo a vida económica da província.

Por estas razões e pela importância natural que adquiriu, o imediato problema de Cabo Verde — mesmo um grande problema — é a construção do porto grande de São Vicente — uma das melhores posições geográficas do mundo marítimo, que a miserável incúria metropolitana deixou perder — ou seja mais um crime da tão famosa administração colonial.

Para avaliarmos da importância desse porto bastaria elucidar que, mesmo como se encontra, desprovido do necessário apetrechamento, e onde o fornecimento de carvão, óleos e água aos navios é feito pelos processos mais antiquados, assim mesmo o seu movimento é apreciável, como se deduz destes números:

Em 1924 entraram ali 1.185 navios com um total de 4.789.954 toneladas, 59.657 tripulantes e 34.687 passageiros, dos quais 1731 ficaram em São Vicente.

Mesmo com a sua deficiência, o actual porto de São Vicente é o melhor e maior recurso financeiro da província, concorrendo para os encargos desta com cerca de 8.000 contos, aproximadamente dois terços das receitas totais.

São essas receitas principalmente provenientes dos impostos sobre importação, carvão, óleos, combustíveis, e 50 por cento das taxas dos cabos submarinos que amarram em São Vicente — devendo aqui mencionar-se que os outros 50 por cento destas taxas os absorve o governo metropolitano abusivamente, o que representa uma extorsão ao povo cabo-verdeano.

Um dos principais factores que concorrem para a relativa valorização do porto de São Vicente foi o estabelecimento da estação carvoeira que aqui montaram diversas casas inglesas, aproveitando a magnífica situação geográfica, a meio caminho para a América do Sul e Costa Ocidental da África. E tão importante resultado essa estação carvoeira que já em 1890 se notava que, entre setenta e quatro dos maiores depósitos de carvão espalhados por todo o mundo, São Vicente ocupava o quarto lugar, tendo nesse ano fornecido 36.636 toneladas, cifra que em 1912 subiu à considerável importância de 281.759 toneladas.

Porém, a pesar-de-tal situação geográfica e deste magnífico e natural ancoradouro, o movimento do porto tem diminuído consideravelmente nos últimos anos, verificando-se que a capacidade dos navios que freqüentaram o porto, que em 1912 ainda foi de 6.553.939 toneladas, desceu em 1917 para 2.764.394, e em 1918 para 1.813.658, tendo vindo sempre a descer até à data presente.

E' certo que a navegação diminuiu, sensivelmente, por toda a parte, não só devido à redução de transacções comerciais, como à carestia do frete; mas as verdadeiras causas da queda do porto de São Vicente baseiam-se na falência administrativa da *política colonial* que não tem apetrechado, de-

vidamente, o porto, mantendo-o num primitivismo vergonhoso, e dando lugar a que o seu movimento se desviasse para as Canárias e Dakar, portos de situação incomparavelmente inferior como posição, mas bem providos de tudo quanto pode interessar a um porto comercial.

Enquanto os nossos *patriotas* por aí se esbafam arrebatando as gúelras e esgazeando os olhos, dizendo mil asneiras acerca das glórias passadas das conquistas do Ultramar e insultando e apodando de «traidores» todos os que se não curvam às trafulhadas do passado e do presente, os franceses em Dakar e os espanhóis nas Canárias foram construindo tais acastellos, docas para reparação de material moderníssimo para cargas e descargas, ao mesmo tempo que se preparavam para abastecer os navios com água, frescos e carvão mais barato — visto que os navios carvoeiros que lhes traziam carvão de Inglaterra no retorno obtinham carregamentos de diversas mercadorias, o que sempre alivia o frete.

E em São Vicente?... Nem um pequeno cais, nem modesta doca, nem material em termos, nem frescos, nem sempre água abundante, a pesar-de-todas estas coisas serem de facilíssima solução.

Note-se que já em 1888 o porto tinha um movimento de 1.700 embarcações, que correspondia a 241.108 pessoas, entre passageiros e tripulantes, e rendia mais dum terço das receitas totais do arquipélago, mas estes últimos 37 anos de monarquia e república, não foram suficientes para capacitar os *grandes homens de Estado* da urgência dum tal problema.

Contudo, a pesar-da concorrência de Canárias e Dakar, parece que nem tudo está perdido, desde que a questão seja encarada imediatamente e praticamente. A concorrência daqueles portos estrangeiros nunca poderá invalidar a posição de encoradouro de São Vicente e a consequente economia de tempo, desde que aqui se façam as obras necessárias, com um objectivo seguro, sem esquecer um momento as entidades a quem esse porto pode interessar e sem perder de vista as transformações de ordem técnica por que está passando e virá a passar a grande navegação.

Esta obra de tanto interesse para Cabo Verde e, dum modo geral, para a navegação está neste momento merecendo o maior interesse ao dr. Júlio de Abreu, governador de província, que no porto grande me falou com o maior entusiasmo, fixando-me bases para a sua construção e exploração, em termos que deixam prever a sua próxima realização — se os governos da metrópole, mais uma vez, não exercerem a sua nefasta acção.

— Nada de fantasias ou grandezas sem utilidade — explicou-me o governador.

Um simples porto comercial que servirá para abastecimento de carvão, óleos, água, frescos, e que ficará dotado com docas para limpeza e reparações, tendo, além disto, material do mais moderno para facilitar carga e descarga sem incómodos ou perda de tempo, como interessa à navegação.

«Pelas razões conhecidas, naturalmente um porto destes também tem o seu aspecto de política internacional que, embora sem preocupações imperialistas, não pôde deixar de ser encarado.

Assim se fez, e neste sentido foi elaborado o projecto respectivo cujo orçamento total importa, aproximadamente, em um

milhão de libras. Esta importância poderá ser reduzida a pouco mais de metade, desde que se trate exclusivamente do aspecto comercial do porto.

«Poderia tal obra ser construída e explorada pelo Estado ou adjudicada a qualquer empresa, mas nesta última hipótese o governo da província assegurará a maioria da representação para o Estado.

«Para os possíveis encargos de tal obra poderá a província de Cabo Verde dispor das taxas provenientes da amarração dos cabos submarinos que já dão uma receita anual de cerca de 1 milhão e 200 mil francos, oiro, a pesar-da província cobrar apenas 50 por cento dessas taxas.

Esta obra, segundo nos informam, pode fazer-se em cinco anos, e para se iniciar aguarda, apenas, que o ministério das Colónias e respectivas repartições ou conselhos técnicos, dêm parecer sobre o projecto que lhes foi há muitos meses enviado.

Ficam os nossos leitores sabendo que se essa e outras obras de inquestionável vantagem se não iniciam, a responsabilidade cabe, apenas, ao sistema bárbaro por que se orienta o ministério das Colónias em Portugal, sempre oscilante e confuso nas continuas crises políticas.

E, para fechar, esta informação preciosa que melhor define os processos de administrar e governar aí na metrópole:

Como se sabe o Cabo Submarino amarra em Cabo Verde, tendo em São Vicente uma das suas principais estações, que rende para o Estado aproximadamente a *dois milhões e meio de francos-ouro*, provenientes da percentagem cobrada sobre as taxas de trânsito dos telegramas transmitidos.

Pois, apesar dessas receitas serem pertença exclusiva de Cabo Verde, porque são provenientes duma exploração que tem suas bases em território caboverdeano; a pesar-das continuas crises do arquipélago que não dispensavam toda a leal assistência da Metrópole; a pesar-do regime actual de autonomia financeira que caracteriza a administração colonial; o governo metropolitano persistiu em guardar para si tal receita, consentindo só a muitas instâncias do actual governador de Cabo Verde e do deputado Carlos de Vasconcelos, e isto há poucos meses, em devolver 50 por cento dessas taxas, guardando, ainda, o resto para si!!!

Poderia compreender-se essa *confusão de contas* no tempo em que a Metrópole centralizava a administração colonial, custeando despesas, suprimindo déficits, mas em regime de autonomia é uma autêntica extorsão, agravada, ainda, com a circunstância de ser feita a uma província pobre! E' mais fantástico, ainda, o facto de não ser o governo central metropolitano quem guarda essa receita para a *esbanjar* ou *administrar* em nome do país. Não, senhores. Quem arrecada esses milhares de francos, extorquidos ao magro tesouro de Cabo Verde, e que bastante falta a esta província fazer, é a tesouraria privativa dos Correios e Telegrafos da Metrópole cujos serviços são autônomos!!!

Não acham muito *afectiva e carinhosa* esta forma como a tal *mãe-pátria* trata as suas mais pobres filhas das colónias?... Uma madrasta não faria melhor!...

Júlio QUINTINHA

## OS FÓSFOROS

## A RESSURREIÇÃO DUM MONOPÓLIO

### Uma escandalosa roubalheira a \$15 cada caixinha

Coincidia quasi com a data em que se comemorava a implantação da república o aparecimento no mercado dos tais famosos fósforos amorfos do monopólio que um decreto liquidou mas que o sr. Domingos Pereira entendeu dever ressuscitar.

Os fósforos apareceram ao preço de \$15, isto é, 5 centavos mais baratos dos que anteriormente fabricavam e do que os impostados da Noruega.

Já aqui denunciámos a mistificação: a Companhia ganha com os que vende a \$15 mais do que com os que vendia antes da extinção do monopólio a \$20. Da qualidade só se pode dizer o pior. A Companhia excedeu-se, conseguindo fabricar fósforos dos que fabricava. E' sintomático que a ressurreição do monopólio tenha coincidido com a comemoração da república, desta famosa república implantada aos gritos de abaixo os monopólios. Os fósforinhos de \$15, mais, antipáticos, que espirram e raro acendem que têm o aspecto de ardidos, revelam bem as intenções do governo que em mal-fadada hora os decretou.

Era lá possível que se extinguísse um monopólio? E' bom também não esquecer que o governo Vitorino Guimarães, exasperado por não ter ressuscitado a imoralidade do monopólio, estabeleceu o tal imposto de 12,7 por caixa, a fim de que os fósforos não descessem de preço e se mantivessem nos tais negreiros 20 centavos. Deixou a Companhia dos Fósforos de nos roubar para ser o Estado a entidade que passou a meter-nos brutalmente as mãos nas algebras. Com o decreto do actual governo passaram a existir dois ladrões em vez de um: o Estado e a Companhia dos Fósforos.

Desde que ao monopólio foi de novo e imoralmente concedido o direito de existência, constatou-se logo um prejuízo: durante alguns dias, na maioria das casas faltavam os fósforos. Quando reapareceram o público viu-se logo e indignou-se ao deparar com estes fósforos de maldição que só acendem, provavelmente, durante um mês. E os fósforos estrangeiros que eram bons, que acendiam, que eram proporcionalmente mais baratos que os nacionais desapareceram da circulação por tempo indefinido. E os consumidores que suportem estes fósforos do monopólio que renasceu das cinzas dum decreto.

Na província estão-se vendendo fósforos de cera, que são piores do que aqueles que se fabricavam a \$01, pela quantia de \$20. E o governo protege esta ignóbil roubalheira.

A certeza da impunidade origina estes atentados. Mas a impunidade será eterna? Não crêmos que a resignação das vítimas dure indefinidamente. E quando ela acabar a questão dos fósforos bem pode transformar-se numa questão *fósforica*. *Fósforica* para os que nos roubam, bem entendido.

## Ainda por mais três anos...

MADRID, 6. — O general Primo de Rivera falando aos jornalistas sobre boatos de demissão do directório, declarou que este manter-se-há no poder ainda mais três anos,

## Notas & Comentários

Im festim da criação...

O general Gomes da Costa fez publicar no *Journal A Epoca* um artigo que o *Correio da Manhã* se apressou a classificar de sensacional. Em resumo o general quer o que todos os oficiais do exército querem — o bem da pátria...

Diz o general articulista numa lírica passagem do seu escrito: «Soldados, marinheiros, operários, comerciantes, agricultores, industriais, ricos e mendigos, todas as classes, todas as castas, todos temos direito a tomar parte no festim da Criação, todos temos direito a viver em paz!»

Toda a gente — ricos e pobres. Estamos daqui a ver a alegria dos mendigos ao tomar parte no «festim da Criação». Se os mendigos se apanhassem num festim com criação: patos, coelhos, perús — era galinha...

Ora, ora, ora...

O governo deu instruções aos funcionários superiores da Inspeção da Polícia no sentido de procederem a um rigoroso inquérito acerca do assalto à Confederação Geral do Trabalho. Mais um inquérito, leitores, que provavelmente vai ser feito pelos que tomaram parte no assalto...

Ora, ora, os inquéritos... De inquéritos está o mundo cheio... Ora, ora, ora...

O valor das leis

E ainda há quem pregue a cega obediência às leis, como se estas correspondessem ao interesse geral e fossem inspiradas pelo mais sábio espírito de justiça. O governo italiano, isto é, Mussolini, ou melhor Farinacci, está preparando uma lei pela qual serão confiscados os bens e retirados todos os direitos de cidadã aos chamados agitadores contra o Estado. Digam agora que as leis não obedecem apenas aos caprichos e aos interesses de quem as elabora.

A fé dele...

O Diário de Notícias publicou num quadrilongo, para destacar, as «palavras de fé» do actual presidente de ministério, dr. Domingos Pereira. Numa notável exaltação o ilustre homem público exclama: «Republicanos! — façamos da República o sistema de engrandecimento da Pátria

## A descoberta de fósseis gigantes na Africa

Os apologistas cristãos continuam a ensinar que Deus na sua sabedoria tudo criou pelo melhor, que a sua obra é perfeita, e que as faltas que se lhe notam são produto dos homens.

Estes belos paladões esquecem que a natureza teve de destruir seres incapazes de lutar contra os perigos, que se opunham à sua reprodução e à conservação das suas espécies. Uma vez os restos enormes dos animais chamados erradamente anti-diluvianos são a prova de que não houve criação racionalizada. Os plesiossauros, os pterodactilos, os diplodocus tiveram de morrer de fome por não se poderem alimentar e reproduzir nas épocas de transformação.

Uma expedição do British Museum, de Londres, enviada em missão às margens do lago Tanganika, na antiga colónia alemã descobriu agora ossos dum dinossauro gigante, o maior que até agora se descobriu. Uma omeleta mede dois metros e meio de largura. Este osso é tão grande e tão pesado, que foram precisos dezasseis homens para o levantar.

## Contra a propaganda comunista

LONDRES, 6. — O ministro do interior, falando ontem na reunião de conservadores declarou ser intenção do governo proceder à revisão do título de determinadas leis de defesa política, em vista do desenvolvimento em toda a Gran-Bretanha da propaganda comunista. — (L.)

## ASSINEM Os mistérios do Povo

pela paz (assaltando as associações operárias) pela união (mantendo os operários na Guiné, sem julgamento), pela fraternidade (soando os presos nas esquadras). Os parênteses são nossos, mas também podiam ser de sua excelência, porque não atirariam o seu pensamento.

A fé dele...

## O 5 DE OUTUBRO

## A manifestação ao chefe de Estado redundou num protesto contra as deportações

### António Maria da Silva e Barbosa Viana apupados pela multidão — Duas sessões de propaganda democrática interrompidas pela massa popular

Anteontem, como é de uso fazer-se pelo aniversário da proclamação da República, após a costumada recepção ao corpo diplomático, pelas 14.30 horas aproximadamente, o chefe de Estado recebeu numa das salas do palácio de Belém os cumprimentos da oficialidade de terra e mar.

No largo, uma multidão de muitas centenas de pessoas acotovelava-se, esperando o momento de fazer uma manifestação de simpatia ao sr. Teixeira Gomes.

Na primeira fila do povo, cercados por vários amigos e correligionários, os srs. José Domingues dos Santos, Pestana Júnior, Procópio de Freitas, coronel Taveira conversavam animadamente com o dr. Magalhães de Lima.

A multidão, enquanto os automóveis vão passando com diversas entidades conhecidas, manifesta-se pró ou contra elas.

Passado algum tempo, os manifestantes levando à frente o dr. sr. Magalhães de Lima e os restantes membros do Comité de Defesa da República deram entrada no pátio dos Bichos, saltando contínuas vivas à Esquerda Democrática, ao Mundo, à C. G. T., à *Batalha* e morras aos «abrilistas», à reacção etc.

Pouco depois de a multidão ter chegado junto ao palácio, o chefe do protocolo fez saber que o sr. presidente da República dera ordens para que todos aqueles que assim o desejassem, pudessem entrar no palácio para o cumprimentar.

Os salões que dão acesso àquele em que se encontra o chefe de Estado, estão repletos de oficiais de todas as armas que se pavoneiam dum lado para o outro, falando-se baixinho sem um sorriso, como se o murmúrio que chega aos salões, da multidão que aumenta sem cessar, lhes causasse um certo mal estar.

Na sua quasi totalidade todos aqueles

indivíduos ostentam inúmeras medalhas, de todas as cores, de todos os tamanhos e de todas as nacionalidades, no peito, nos ombros, e chegámos mesmo a ver um ou dois que as traziam à cintura.

Entretanto a multidão começava subindo e dirigia-se lentamente para o salão onde o chefe de Estado recebia os cumprimentos.

Vimos na maior parte operários de fato de ganga, crianças de alpagatas, mulheres do povo, de chale, e lenço e um outro empregado público de *frak* preto tresandando a naftalina.

O dr. sr. Domingos Pereira, cercado pelos membros do governo, conserva-se na rectarguarda do sr. Teixeira Gomes olhando um tanto atónico aquele formigueiro humano, por vezes um pouco pálido quando alguma mãe pede com a voz entrecortada de soluços que lhe devolvam o filho querido que agoniza nas areias ardentes da Guiné, ou quando um jovem militante operário protesta em voz firme e serena contra o assalto da polícia à sede da C. G. T.

## A multidão apupa Barbosa Viana...

Enquanto os manifestantes entravam a pouco e pouco no Palácio de Belém, chegou um automóvel conduzindo o Barbosa Viana de triste memória.

O povo, num movimento de revolta, irrompeu em gritos de protesto e de cólera. Alguns mais indignados, lembrando-se talvez das misérias que ele tem causado, tiveram alguns gestos de ameaça que obrigaram o antipático personagem a refugiar-se no meio da oficialidade que estava à entrada da escadaria.

## ... e hostiliza António Maria da Silva

Algum tempo depois dos factos que acabamos de expor, o sr. António Maria da Silva desceu as escadas e dirigiu-se a

tomar lugar no seu automóvel. Vinha sorridente, soberano, cofando praseiteiro a sua histórica péra. Ao fundo da escadaria deteve-se a fitar com aparente tranquilidade a «choldra» que continuava a dar vivas ao «povo trabalhador» e morras aos «ladrões» e aos «opressores do proletariado».

Soltam-se vivas à «esquerda democrática», à *Batalha* e ao Mundo, e a multidão aproxima-se do chefe dos «bons» lançando-lhe em rosto os mais contundentes epítetos.

De repente há uma mão que se ergue e que ao abater-se rasga-lhe um pouco o fraque.

António Maria da Silva empalidece, apavora-se e foge precipitadamente no seu automóvel.

## Um comício de protesto contra as deportações

Após os cumprimentos ao Chefe de Estado a multidão segue para a praça Afonso de Albuquerque, levando à sua frente o sr. José Domingues dos Santos e o coronel Tavares.

O sr. José Domingues dos Santos, subindo a cima dum banco, pronuncia o seguinte discurso:

«Depois de na Sala do Risco se ter atacado a República, eu quero afirmar aqui o meu culto pelo povo a quem chamaram a «choldra». E' no povo que está a suprema força. Deve ser formidável a luta que temos de travar, porque dum lado estão os que defendem o capital e do outro os que querem o bem do povo, que são os que vieram a Belém saudar o ilustre chefe do Estado, que se não envergonhou de beijar os filhos do povo e de lhes estender a mão.

«Vão para ele os mais enternecidos agradecimentos do povo republicano, que não pode tolerar a escravidão. E nós, unidos



todos, braços com braços, beijos com beijos, vamos para a luta!

O sr. Martins Júnior defende, com calor e energia, o regresso dos deportados, afirmando que «foi com essa malta que se fez a República».

O nosso camarada Virgílio de Sousa protesta veementemente contra as deportações. Maria Viegas, mãe de um deportado, lamenta a perda da vingança para o crime de terem desterrado inocentemente seu filho.

—Como querem que eu seja republicano — diz a pobre mãe — se foram os republicanos que enviaram o meu filho para a Guiné? Como querem que eu não proteste e não me revolte se eu, mãe de um operário, vejo a polícia a fustigar os operários às esquinas das ruas?

Após este começo a multidão dispersou-se e voltou ao nosso jornal, à C. G. T. e abaixo às deportações etc.

**António Maria da Silva apupado no Centro Bernardino Machado**

No Centro Bernardino Machado em Alcantara, realizou-se anteontem, pelas 17,30 aproximadamente, uma sessão solene comemorativa do 5 de Outubro, mas na realidade, uma sessão de propaganda política dos chamados bonzos democráticos.

A assistência era composta na sua maioria por operários residentes no popular bairro de Alcantara. O sr. Lopes Esteves que presidiu fez um ligeiro e vago discurso terminando por convidar duas senhoras para descerem um retrato do sr. João Luís Ricardo, com chinó postico.

A seguir é dada a palavra a António Maria da Silva que com o seu inaudito desceramento, o seu desceramento há de morrer com ele, se preparou para falar.

Estabelece-se uma grande agitação. António Maria da Silva é invectivado. Ouvem-se gritos hostis, morras às deportações, vivas à escumalha, à choldra, etc., etc.

Na sala encontravam-se muitas crianças e senhoras, o que não admira pois que a estupidez democrática entende que a infância deve ser condenada a escutar a verborreia empurrante dos silvastas. Há pânico, crianças que choram, gritos das senhoras atemorizadas.

António Maria da Silva, apesar de ser continuamente vaiado pela maioria da assistência, teima em querer falar.

Um membro da direcção do Centro incute a assistência com este berro infeliz: —Abaixo os bombardeiros!

Uma voz da assistência:

—Isso é com o António Maria da Silva que se fabricava na Carbonaria.

O ruído prolonga-se ainda por muito tempo. Os apertados são constantes. António Maria da Silva insiste teimosamente em falar e pronuncia umas frases que ninguém consegue ouvir, abafadas pelo tumulto que era grande. O resto da sessão não teve história. Foi o sr. Silva a querer falar, o sr. Edmundo de Oliveira teimando sem grande resultado em fazer-se ouvir, o livido sr. Custódio de Mendonça, intriguista, arranjista e mentiroso, proclamando, sem ser escutado, que era avançadíssimo nas suas concepções políticas.

A sessão teve de acabar. A saída, António Maria da Silva, quando se retirava no seu automóvel, foi novamente apupado.

**Uma sessão interrompida no Centro Almirante Reis**

Estava marcada para as 21 horas de anteontem uma sessão, no Centro Almirante Reis, de propaganda dos bonzos democráticos disfarçada sob a designação de «comemorativa da implantação da república».

Presidiu o general sr. Correia Barreto secretariado por D. Emilia Ramos e pelo sr. Carlos Simões Torres.

O sr. Alfredo Guizado, proprietário do restaurante «Os Irmãos Unidos», cozinhou um discurso que não chegou ao fim. Da assistência grita-se:

—Abaixo as deportações.

Os protestos contra a tirania dos democráticos intensificam-se. Recordam-se o assalto à C. G. T., recordam-se todos os crimes, todas as ladroenhas, todos os latrocínios. O tumulto assume proporções ameaçadoras.

O sr. Correia Barreto foge, espavorido, pelas trazeiras do centro. O secretário imita-o. E a sessão é encerrada.

**O fogo do artifício**

Anunciou-se retumbantemente que seria feita um «deslumbrante» fogo de artifício às 23 horas de anteontem no Parque Eduardo VII.

Até nesse número do mísero programa das festas de 5 de Outubro se zombou do povo. Uma hora depois da marcada ainda não tinham dado início ao fogo de artifício. A impaciência popular rompeu clamorosa: ouviram-se violentos protestos e assobios. Por fim, cerca das 0,30 lá se veio o fogo. Era um fogo de vista pior que o das mais insignificantes romarias das aldeias do norte.

**Acaba de ser posto à venda: As três Internacionais**

Amsterdã—Moscóvia—Berlim

Por SCHAPIRO

Interessante estudo, devidamente documentado, sobre a questão das Internacionais Sindicais dividido pelos seguintes capítulos:

1.—Introdução. II.—O despertar operário nas vésperas da guerra. III.—O grande silêncio. IV.—A esperança na revolução russa. V.—As bifurcações sindicais. VI.—Os princípios das Internacionais. A Federação Sindical Internacional, A Internacional Sindical Vermelha, A Associação Internacional dos Trabalhadores. VII.—Influências políticas. VIII.—Fusionismo e confusãoismo, A bandeira da I Internacional.

1 folheto de 36 páginas com uma elegante capa, 1800; pelo correio, 1820.

Pedidos à administração de A Batalha.

**Academia de Amadores de Música**

Abrem amanhã as aulas nesta Academia. A sessão solene da abertura realizar-se-á em breve, logo que se achem concluídas as obras de ampliação do salão de festas e outros melhoramentos a que se está procedendo.

Continua ainda aberta a matrícula para as aulas de solfejo, piano, violino, violoncelo, canto, instrumentos de sopro, harmonia, português, francês, inglês, alemão, italiano, acústica, história da música, estética, geografia e história, canto coral, música de câmara e orquestra.

**Lêdo Suplemento de A BATALHA**

## Um ministro francês dá a entender que a conquista do Rif é impossível

Não é necessário ser um grande estrategista para compreender que, salvo incidente imprevisto, a grande ofensiva de conquista do Rif, anunciada por Painlevé, Petain e todos os grandes chefes militares para o outono, foi-se por água abaixo.

Essa grande conquista foi adiada para a próxima primavera — eis o que ninguém pode dissimular neste momento.

As causas deste fiasco de esperanças imperialistas e militares dos chefes franceses, são bem conhecidas: temos primeiramente a estação das chuvas que, impedindo todos os transportes por estradas ou caminhos, impede ao mesmo tempo qualquer ofensiva; temos em seguida o desastre espanhol em frente de Alhucemas que atrazou de duas semanas a ofensiva projectada por Petain na frente francesa; por fim, a falta de segurança em que se encontram as tropas francesas obrigadas a conservar fortes contingentes de ocupação em todo o Marrocos submetido, do sul ao norte e sobretudo nas regiões ocupadas recentemente.

E, pois, o segredo de Polichinel que no território das tribus que eles dizem submetidas, existe ainda fogo sob as cinzas, e que o país de forma alguma está pacificado e que não se passa um dia sem que na região dos Branes ou dos Toulas, para só falarmos das tribus mais importantes, os postos isolados sejam alvo de ataques violentos.

Agora, que está desfeito o sonho de derrotar Abd-el-Krim antes de outubro, de Mongie, ministro de Painlevé, acaba de afirmar: «que a França, seja qual for a sua situação actual, não tem em mira efectuar qualquer avanço nos territórios de Marrocos que não estejam confiados à sua guarda».

Pois sim! Estão verdade, não prestam!...

Durante dois meses o governo francês intrinju a opinião pública; repetiu sob todas as formas que para salvaguardar a África do Norte francesa era necessário desembaraçar Marrocos do «chefe de rebeldes» rifenhos; era preciso castigar Abd-el-Krim; a conquista e a ocupação do Rif também eram necessários. Enviaram contra o Rif 200.000 homens providos de armamento moderno. Gastaram milhões de francos e sacrificaram milhares de homens.

E eis que os jornais franceses recém-chegados nos trazem a notícia de que o governo confiou não ser fácil derrotar os rifenhos, proclamando ao mesmo tempo que nunca tinham pensado em entrar no Rif.

Mas os seus aviões bombardearam Chechoua e Adjir. Os seus navios de guerra bombardearam as aldeias rifenhas.

Os actos de ontem desmentem as palavras de hoje.

Mas o que os trabalhadores exigem não são as declarações pacíficas, equivocadas e mentirosas, são actos. O que os trabalhadores franceses e espanhóis exigem é a finalidade imediata das operações militares e a entabulação das negociações de paz.

**EM ALDEGALEGA**

**Os industriais de chacinaria aumentaram em 40% os seus produtos e desceram em 25% os salários**

Mulheres que respondem condignamente a uma provocação!

ALDEGALEGA, 5.—Os industriais desta terra imaginam que os seus explorados são tão cegos e tão submissos como os antigos escravos e que é tão fácil brincar-lhes com o pão como os senhores feudais brincavam com a vida dos seus súbditos.

Desde que começou a correr de boca em boca a ideia da baixa de salários, os industriais daqui começaram pensando que era tempo de a pôr em prática, esquecendo-se de que ela só pode ser aceite quando os salários e o custo da vida estejam, entre si, num relativo equilíbrio. Já referimos os maneios que alguns industriais corticeiros fizeram para cercar os salários, agora temos a relatar a atitude que ultimamente assumiram os de salchicharia.

Os donos de chacinarias reduziram inopinadamente os salários do seu pessoal feminino.

Não se contentaram com uma redução de 5 ou 10%. Foram logo às do cabo, fazendo uma redução nos salários das mulheres que eram de 10 escudos e desceram, devido a essa resolução, para 750.

Ao mesmo tempo que tomavam essa resolução mandavam aumentar em mais 40% o preço das miudezas. E com essas miudezas (chouriços, toucinho etc.), são géneros de primeira necessidade a subida do seu custo ia determinar o agravamento das condições económicas de vida. Os industriais ao mesmo que agravavam as condições de vida e aumentavam 40% a fabulosa cifra dos seus lucros, desciam 25% os salários o que lhes dava margem para que a mercadoria lhes saísse mais barata.

Estas duas decisões dão bem a ideia da estupidez dos industriais. Não se compreende uma diminuição de salários num momento em que a vida se mantém dificilmente estacionária. E menos se compreende uma redução de salários quando o industrial resolve aumentar o preço dos seus produtos.

Devemos esclarecer os nossos leitores que os industriais podiam diminuir — e diminuir bastante — o preço dos seus produtos sem mexer no salário dos seus operários pois que o custo das carnes verdes desceu.

Uma parte do pessoal feminino atingido por esta arbitrária e ignominiosa baixa de salários declarou-se logo em greve, mostrando assim que não aceitava como bom o procedimento duplamente criminoso dos seus patrões.

Os industriais Izidoro Maria de Oliveira & C.ª Irmãos requisitaram 6 praças da guarda republicana que mandaram postar à porta da sua fábrica.

Este gesto em vez de intimidar as mulheres teve o condão de agravar o conflito. A greve generalizou-se.

A população é favorável às grevistas e condena abertamente o procedimento estúpido e ganancioso dos industriais.

Oxala que todos os operários saibam responder tão altivamente a provocação como o fizeram as mulheres. —C.

**Francês sem mestre**

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 1500

Pelo correio 1650.

Pedidos à administração de A Batalha.

**A educação moral da criança na família**

Por Benoit Bouché—Tradução de Emílio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social. —Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e novos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças. —Preço 500, pelo cor. 550. Não nas livrarias. Pedidos à Biblioteca Renascença, de J. Cardoso, e Palais de S. Bento, 7-20 — Lisboa.

## Contra o assalto à C. G. T.

**Êndicatos dos Manipuladores do Pão de Lisboa**

Na sede do seu sindicato, reuniram no passado domingo os manipuladores de pão que apreciaram largamente o assalto levado a efeito pela polícia à sede da C. G. T. e outros organismos operários. Depois de longa discussão foi aprovada a moção que a seguir reproduzimos:

«Considerando: que a polícia no assalto que realizou há dias à sede da C. G. T. inutilizou vários livros e mobiliário pertencente aos organismos operários ali instalados e apoderou-se de dinheiro que não lhe pertencia;

que nada justifica tal atitude e que esse procedimento é filho do ódio que tal corporação vem manifestando contra a organização operária;

que o governo se mantém indiferente perante o vandalismo dos seus subordinados o que significa cumplicidade com tais desmandos;

Assembleia, resolve:

1.ª Protestar energicamente contra o procedimento policial, aconselhando os organismos lesados a exigirem uma indemnização pelos danos sofridos;

2.ª Que todos os camaradas, cônscios do seu dever, promovam quietes nos lugares de trabalho, em favor dos organismos atingidos pelo vandalismo;

3.ª Que o sindicato contribua com 100\$000 que ficarão, bem como o produto das quotas, à disposição da comissão administrativa da C. G. T.»

Esta moção foi aprovada por aclamação, erguendo-se vários vivas à C. G. T. e organização operária.

**Federação Marítima**

Do secretariado da Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região Portuguesa recebemos o seguinte protesto:

«Camarada Director de A Batalha: O secretariado desta Federação tentando interpretar o sentir da organização marítima que representa, protesta veementemente contra o canibalismo assalto levado à prática pelos mantenedores da ordem... as dependências da sede da C. G. T. e demais organismos operários, exprimindo toda a sua repulsa contra tal vil procedimento por parte de quem tinha o dever de manter íntegros os princípios da ordem pública, segundo eles. — António dos Santos, pelo secretariado.

**Operários Têxteis da Covilhã**

COVILHÃ, 3.—Os operários da Indústria Têxtil reunidos em assembleia geral protestaram energicamente contra o assalto às dependências do Sindicato dos Impresores Tipográficos e Conselho Técnico da Construção Civil e demais organismos e resolveram enviar um ofício ao presidente do ministério nesse sentido e promover uma sessão de protesto no dia 5 de outubro. — C.

Enviaram-nos também o seu protesto à Associação de Classe dos Operários Rurais da Graça do Divor e Arredores, a comissão executiva juvenil da secção da carris, a comissão central da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional, a 2.ª secção da classe dos operários Manipuladores de Pão de Oeiras, um grupo de trabalhadores de Alpiça, Adelino Alves, e dum operário alfaiate juntamente com 5800.

**O democrata Alessandri está beliscera no Chile um regime de terror**

Depois de consumada a matança de Iquique, na qual pereceram mais de dois mil operários das minas de salitre sob a metralha das tropas do general da guarda, o Chile ficou sob o poder militar e em estado de sítio. A própria vida dos organismos operários revolucionários e toda a manifestação de ideias ficaram de facto submetidas aos Tribunais Militares, e qualquer acusação de carácter social é julgada sumariamente pelos conselhos de guerra.

Na Convenção Geral do Professorado Primário, realizada em Valparaíso, resolveu-se interessar os organismos operários a cooperar na realização dum plano completo de reforma de ensino, actualmente monopolizado pelo Estado e pela igreja.

Em consequência destes acordos instituiu-se secretamente um processo militar que teve como resultado a expulsão do magistério de sete professores.

Mas as infâmias não se limitaram a isto, pois que devido às intrigas do chefe de identificação policial de Valparaíso, urdiu-se uma teia para apanhar o camarada uruguia, Júlio Bardallo, o professor Carlos Sepúlveda, o camarada argentino Serafim Etura e o ferroviário Eduardo Sieralla, todos eles por causa da sua reconhecida tendência anarquista, mas com o absurdo pretexto duma suposta espionagem peruana.

De todas estas prisões a imprensa burguesa não disse uma só palavra, o que dá a impressão de que a polícia tem a intenção de eliminar secretamente as suas vítimas, sem deixar rastro.

O trabalho sindical está anulado por motivo das leis marciais, que impedem por meio de fuzilamentos qualquer actividade. No entanto a coesão mantém-se entre os sindicatos, mas sempre na expectativa de qualquer golpe da autoridade.

As tipografias operárias já podem trabalhar, desde o momento que não imprimam nada de carácter operário, estando submetidas a uma estreita censura militar.

Foram suprimidos os jornais: O Semeador, Nova Era, A Batalha, A Voz do Mar e a União Sindical.

**Francês sem mestre**

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 1500

Pelo correio 1650.

Pedidos à administração de A Batalha.

**A educação moral da criança na família**

Por Benoit Bouché—Tradução de Emílio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social. —Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e novos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças. —Preço 500, pelo cor. 550. Não nas livrarias. Pedidos à Biblioteca Renascença, de J. Cardoso, e Palais de S. Bento, 7-20 — Lisboa.

## O CASO DA SUPOSTA LOUCA

**Uma campanha de "A Batalha" que impediu a prática duma infâmia**

FARO, 4.—Fizemos aqui na Batalha um circunstanciado relato duma infâmia que se pretendia cometer.

De certo que os nossos leitores ainda não esqueceram os protestos que aqui formulámos contra o internamento no manicómio Bombarde de Maria Tereza Reis, que seu marido e filho pretendiam dar como louca.

Parámos algum tempo com esses protestos aguardando que algum acontecimento surgisse a dar razão a tudo quanto dissemos. E esperamos confiados, pois nem um só momento duvidámos de que Maria Tereza Reis não era louca mas sim vítima de uma tratadada. E não nos enganámos. Maria Tereza Reis não está, nunca esteve louca. E após 40 dias de cativeiro no manicómio regressou já a esta cidade.

Felicitemos-nos por termos contribuído para que não se praticasse uma infâmia. E não deixaremos de recordar que a Batalha foi o único jornal que tratou do caso, confirmando-se assim mais uma vez que de causas justas não trata a imprensa mercenária...

Conseguimos falar com Maria Tereza Reis após a sua chegada a esta cidade. Omittimos os seus agradecimentos e referimos unicamente alguns dos pormenores mais interessantes do que com ela se passou no Manicómio.

Narrou-nos um tratamento a que a pretendiam sujeitar, tratamento que lhe ia abalando a saúde se ela tivesse seguido à risca. Disse-nos, ainda que enquanto duraram os reparos da Batalha era muito bem tratada, mas que quando estes findaram passou a ser tratada desdenhosamente.

Maria Tereza Reis contou-nos ainda alguns pormenores da vida interna do manicómio que são de molde a fazer perder o juízo a quem o possui e os esforços que fez para conseguir ver-se livre daquela casa maldita.

Oxala que Maria Tereza Reis esqueça rapidamente esta página cruel da sua vida. Por nossa parte só temos a regosijar-nos por termos contribuído para que uma infâmia não fosse perpetrada. Só lamentamos que não chegue ao conhecimento de todos nós o número de infâmias que se cometem de modo a serem ignoradas e, por esse motivo, ficam para todo o sempre impunes.

**"Educação Social"**

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retozeiros, 125—LISBOA.

**OS QUE MORREM FUNERAIS**

Realizam-se o funeral da companheira do operário pedreiro António Pereira. O prelo saiu da rua da Bombarda, 38.

A secção profissional dos pedreiros convidou os seus componentes a incorporarem-se no funeral.

**Novidades literárias**

**CAVALGADA DO SONHO**

— DE —

Júlio Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

**'A Batalha' na provincia e arredores**

**Aldegalega**

**Desprezo injustificado**

ALDEGALEGA, 6.—Comemorando o 15.º aniversário da implantação da república realizaram-se ontem e anteontem no teatro Joaquim de Almeida dois espectáculos que agradaram muito. Subiu à scena «O voluntário de Cuba» e «Missu nova», além de outras peças de somenos importância. A afluência de público foi muito diminuta, o que contribuiu para que o desempenho não fosse melhor. A classe operária, pretextando não sei que motivo, votou aqueles espectáculos um desprezo quase absoluto, o que a privou de aprender naquelas peças moralizadoras o que a sua educação ainda não comporta. E estamos certos que aquele divertimento é muito mais educativo do que muitos outros para que o operariado contribui poderosamente. —C.

**Vendas Novas**

**Três crianças carbonizadas e uma gravemente ferida**

VENDAS NOVAS, 4.—Anteontem pela tarde foi esta vila alarmada pela notícia de um horrível desastre sucedido, nos farrós da misericórdia pertencentes a esta freguesia, e que causou a maior consternação.

Quatro crianças, duas, filhas de Abel Paúl, e duas de Manuel Alpiça, brincavam dentro de uma cabana no fôrro de sua avó Gertrudes Guerreira; como por acaso encontrassem ali uma caixa com fósforos que tinha sido perdida por um trabalhador que ali dormia, deles fizeram uso inconscientemente pondo em chamas a dita cabana.

Quando poderam acudir a esta desgraça, já encontraram duas das crianças carbonizadas, e as outras duas com graves queimaduras pelo corpo e mãos, uma das quais succumbiu no dia seguinte, no hospital desta vila.

Das quatro crianças, sobrevive apenas uma, a mais velha com a idade de quatro anos, gravemente queimada nas mãos. —C.

## Atitude da Federação Marítima

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada redactor:—No número 15 de O Marítimo, de 27 de Setembro último, no artigo de fundo, deparei com uma passagem a que não posso deixar de me referir pelo que de injusto, suspeito e falso de verdade contém. Refiro-me ao período em que o articulista se refere a uma pretensa relutância duma parte dos marítimos de longo curso, em lidar com o que o articulista classifica de trabalhadores enfarruscados e de pés descalços.

Esta insidiosa lançada assim a público, tem um intuito que é fácil de adivinhar. Pretende-se especular com um pretenso desdém da parte das classes classificadas de oficiais na marinha mercante para melhor lançar o germe da divisão nas classes discordantes da orientação da F. M. Tais intuitos são fáceis de verificar se atentarmos no que de vcnosos encerra o último número de O Marítimo, quando se refere às classes de longo curso. Sabedores os actuais dirigentes da F. M. de que não é fácil captar com os seus processos as classes acima citadas, que pela sua cultura, um tanto superior à da maioria das outras classes marítimas, se apercebem com mais facilidade das suas pretensões, não se deixando suggestionar com a facilidade com que pode ser suggestionado um grupo de analfabetos, pretendem com aquela venenosa insídia incompatibilizar as classes visadas com todas as outras classes de trabalhadores marítimos e fluviais.

Pela parte que me pode tocar, como componente da classe dos radiotelegrafistas, cumpre-me declarar que nenhuma relutância tenho em tratar com qualquer camarada de mãos sujas e pés descalços, o que de resto poderão ter verificado todos aqueles que comigo de perto têm lidado em terra ou a bordo. Terei, sim, relutância em tratar com aqueles indivíduos que trazendo as mãos limpas e andando calçados, têm no entanto bem suja a consciência. Desses sim, fujo, não porque o seu contacto me possa contagiar, mas por que me é repugnante.

Sobre outras considerações que são feitas a propósito e contra as classes de longo curso, mais alguma coisa teria a dizer, mas reservo-me para outra ocasião. Posso no entanto afirmar que, apesar de tudo o que os dirigentes da F. M. afirmam no Marítimo e que pode deixar a impressão de desunião entre as classes de longo curso, — que é afinal o seu único intuito, — como pescadores de águas turvas — tal se não verifica, pois agora, como de resto sempre, aparte ligeiras divergências sobre certos pontos de vista, se têm mantido boas relações entre as referidas classes, ainda que isso pese aos senhores da Federação Marítima. —Sem mais assunto, queira aceitar as minhas saudações. —Lisboa, 6 de Outubro de 1925. — Campos Costa.

**EM MONCHIQUE**

**Uma scena de tiros que teve más conseqüências**

A propósito duma notícia publicada em 25 do mês passado sob a epigrafe acima escreve-nos José Albino Duarte, operário carpinteiro, a fim de nos esclarecer a scena em que foi envolvido.

«A notícia onde a minha humilde pessoa é posta numa escala inferior, deixem-me de veras maguado porque para mim, a mulher, por muito fraca que seja, merece o respeito dumhomem que acima de tudo presa a sua dignidade de operário pobre, mas honrado. E porque me preso nessas condições, como atesta a minha conduta, senti-me revoltado por ver que ainda há indivíduos que descem à calúnia para manchar quem, seja onde for, se apresenta de frente erguida.

«No dia 23 p. p., indo da oficina juntamente com meu pai a caminho de casa para almoçar, ao passar em frente da residência da Adília esta de pistola apontada para mim disse-me: «Agora é que te mato malandro! Não acompanha de dois tiros, um dos quais foi atingido José Américo Duarte que ia passando e presenciou os factos. Juntamente estavam José Filipe, Diogo José Albino Lopes e Maria de Jesus Nobre que por «milagre» não foi atingida. Todas estas pessoas são testemunhas de que não dirigi a Adília uma única palavra.»

**Renovação**

Revista grafica

A 1e 15 de cada mês

Preço rec. 4,50

**Coliseu dos Recreios**

HOJE—A's 21 (9 da noite)—HOJE

Grande Companhia de Circo

a maior, mais completa e mais variada que tem vindo a Lisboa

O mais extraordinário sucesso de todas os tempos

Maravilha — Arte — Emoção

Entrada geral 3\$00 — Fauteuils a 8\$30

Camarotes a 40\$00

A'manhã — Grandiosa matinee elegante

Bilhetes à venda

**Coliseu dos Recreios**

HOJE—A's 21 (9 da noite)—HOJE

Grande Companhia de Circo

a maior, mais completa e mais variada que tem vindo a Lisboa

O mais extraordinário sucesso de todas os tempos

Maravilha — Arte — Emoção

Entrada geral 3\$00 — Fauteuils a 8\$30

Camarotes a 40\$00

A'manhã — Grandiosa matinee elegante

Bilhetes à venda

**Coliseu dos Recreios**

HOJE—A's 21 (9 da noite)—HOJE

Grande Companhia de Circo

a maior, mais completa e mais variada que tem vindo a Lisboa

O mais extraordinário sucesso de todas os tempos

Maravilha — Arte — Emoção

Entrada geral 3\$00 — Fauteuils a 8\$30

Camarotes a 40\$00

A'manhã — Grandiosa matinee elegante

Bilhetes à venda

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

**A abertura do Coliseu**

G acontecimento outonal de mais realce, em Lisboa, é a abertura da época de circo, no Coliseu dos Recreios. Espectáculo para crianças e gente «crescida», estalejam na sala vastíssima risos francos quando os clowns fazem os seus «entremozos», cravam-se com insistência os olhares curiosos de uma multidão que acompanha os lances mais arriscados dos acrobatas e equilibristas. A companhia que ora se estreia se, como de costume, se lhe não pode chamar ainda definitiva, quanto a qualidade, apresenta-nos porém números apreciáveis, como são os saltadores Thompson, os equilibristas portugueses Silvas, os ginastas sério-cômicos Olward's, e como números de sensação, de verdadeira frisson, Miss Guinay, linda mulher que dá um salto de 20 metros para dentro duma piscina que tem unicamente um metro e cinquenta centímetros de alto e Mr. Francesco, com o seu temerário salto mortal em automóvel. Os clowns são, por enquanto, «traquinhos». Não tardará que tenhamos no cartaz do Coliseu os nomes queridos do público e alguns outros de boa reputação.

**Notícias**

A temporada com drama regular que, com a direcção artística de Ilia Stchini, Rafael Marques e sob os auspícios do empresário Luís Ruas, estava realizando-se no Apolo, terminou a sua temporada na segunda-feira com «A Galdéria» tendo o teatro esgotado a lotação.

—Na graciosa comédia inglesa «Guerra ao Vinho», com a qual se inaugura o teatro do Gymnasia, toma parte a ilustre actriz Bárbara Wolckart, uma reliquia do teatro a que sucede o actual, com todos os adiantamentos modernos de conforto, solidez, elegância e beleza.

—E' amanhã que o popular teatro Apolo reabre as suas portas inaugurando a época de inverno e fazendo-se a estreia solene da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha com a primeira representação da célebre peça do dramaturgo António Enes, «O Salimbanco» a grande corêa de António Pedro e que Alves da Cunha vai interpretar pela primeira vez.

**Reclames**

Maravilha, arte, emoção e alegria são as características dos espectáculos do Coliseu dos Recreios onde está a exibir-se a maior e mais completa companhia de circo que vem vindo a Portugal e que conta no seu elenco as mais autênticas celebridades que se têm apresentado nos principais circos do mundo como Miss Guinay—«Venus Moderna»—que dá um salto de uma plataforma colocada a 20 metros de altura para dentro de uma piscina que tem apenas metro e meio de alto, e Mr. Francesco o arrojado automobilista que executa o arriscadíssimo «looping the loop» dando com o automóvel, um perigoso salto mortal. Estes dois trabalhos, pela sua emoção, conservam o público, durante a sua execução, no mais completo silêncio.

Amanhã realiza-se a primeira matinee elegante da temporada, tendo nela entrada gratuita todas as crianças até aos dez anos de idade.

**DESPORTOS**

**FUTEBOL**

Benfica / 6-2 em 4.º

Sporting / 3-1 em 1.º

E' sempre motivo de grande acontecimento desportivo um encontro Benfica-Sporting. Para efeitos financeiros a favor dos dois clubes, organizaram estes um desafio que devia ter satisfeito os intuitos almejados, pois foi razoavelmente importante a assistência do público apaixonado pelo género futebol.

Por ausência do Carcavelinhos, não se efectuou a final da «Taça Ateneu» que se devia disputar em primeira mão entre as quartas categorias daquele clube e do Benfica. Em compensação, deu-se um encontro entre as mesmas categorias do Benfica-Sporting resultando uma vitória a favor do primeiro, nitidamente justa pela superioridade do jogo desenvolvido, por seis bolas a duas.

No segundo jogo, entre as primeiras categorias e que constituía para a aficção o enlevo da tarde, venceu o Sporting e bem, por três bolas a uma do Benfica, que foi o primeiro a marcar. Este desafio, muito prejudicado pela chuva torrencial que caiu, foi inferior, em qualidade, ao desenvolvido pelos primeiros e que na sua classe de principiantes houveram-se de modo a deixar a grande distância os «azes consagrados».

A arbitragem, entregue a José da Fonseca, peçou pela ignorância ou pouca prática de tal exercício sendo ambos os grupos prejudicados pela suas decisões.

**ACABA DE SAIR**

**O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária**

Por Rodolfo Rucker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1800.

Pedidos à administração de A Batalha.

**A revolução Social e o Sindicalismo**

Por Arkínof. Preço 850.

**TIVOLI**

TEL. N. 5171

A'S 8 3/4 HORAS

**AS TRÊS IDADES**

Super-produção cômica em 6 partes com Buster Keaton (Pamplinas)

Uma corrida em Kentucky

Comédia dramática com Reginald Deuny

**Um documentário**

Uma revista cinematográfica

A'manhã — Matinee às 3 h.

**Coliseu dos Recreios**

HOJE—A's 21 (9 da noite)—HOJE

Grande Companhia de Circo

a maior, mais completa e mais variada que tem vindo a Lisboa

O mais extraordinário sucesso de todas os tempos

Maravilha — Arte — Emoção

Entrada geral 3\$00 — Fauteuils a 8\$30

Camarotes a 40\$00

A'manhã — Grandiosa matinee elegante

Bilhetes à venda

**Coliseu dos Recreios**

HOJE—A's 21 (9 da noite)—HOJE

Grande Companhia de Circo

a maior, mais completa e mais variada que tem vindo a Lisboa

O mais extraordinário sucesso de todas os tempos

Maravilha — Arte — Emoção

Entrada geral 3\$00 — Fauteuils a 8\$30

Camarotes a 40\$00

A'manhã — Grandiosa matinee elegante

Bilhetes à venda









## A vida e as obras de Pedro Kropotkine descritas por Adrian del Valle

Entretanto, escrevia folhetos de propaganda, que circulavam profusamente e se traduziam em todos os idiomas. Os principais foram publicados mais tarde, num volume que editou Eliseu Reclus, com o título de «Palavras de um Rebelde».

Por aquela época contraiu matrimónio com uma inteligente companheira que compartilhava com ele nos ideais de redenção humana.

A instâncias de Reclus, escreve para a grande Geografia Universal que este publicava, a parte referente aos domínios russos da Ásia. Por este motivo e ao mesmo tempo a fim de procurar um clima mais benigno para sua esposa, de saúde delicada, se conduzem a Clarens na primavera de 80, onde residia Reclus. Ali escreve o seu chamamento «Aos jovens» que tanta aceitação teve.

Alexandre II morreu às mãos dos nihilistas a 13 de março de 1881. Para proteger o novo imperador, Alexandre III, cria-se com o nome de «Okhrana» (Protecção) uma liga reaccionária sob os auspícios do grão-duque Vladimir, tendo, entre os seus fins, o de assassinar os emigrados políticos russos que se consideravam implicados nas últimas conspirações. Kropotkine teve conhecimento confidencial de que o seu nome estava incluído na lista dos que tinham que ser eliminados e de que tinham encarregado certa dada de tramocar o «complot».

A pesar-disso, Kropotkine não tomou nenhuma precaução pessoal e limitou-se a tornar público o assunto em *Le Révolté*.

No mês de julho de 81 realiza-se em Londres um congresso anarquista, a que assiste Kropotkine. Aproveita a sua estada na capital de Inglaterra para escrever uma série de artigos no *Newcastle Chronicle* sobre assuntos russos.

De regresso à Suíça, é, passado pouco tempo, expulso por ordem do Conselho Federal, seguramente sob pressão do governo do czar.

Como sua esposa se encontrava apta para exame, a fim de tomar o grau de bacharel em ciências na Universidade de Genebra, estabeleceu-se em Thonon, pequena povoação francesa situada na costa sabaína do lago de Genebra, permanecendo ali dois meses. Em Outubro daquele mesmo ano (81) dirige-se a Londres, visitando antes Lyon, St. Etienne e Winne, em cujas povoações dá conferências que se vêm muito concorridas. Permanece um ano em Inglaterra. Inicia com Tchaykovsky uma propaganda socialista entre os trabalhadores. Assiste à assembleia anual dos mineiros de Durham; pronuncia conferências sobre assuntos russos em Newcastle, Glasgow e Edimburgo. Apecebe-se de que o povo inglês, é todavia, muito propício à propaganda socialista; e no outono de 82 volta a França, em busca de ambiente mais apropriado. Instala-se outra vez em Thonon, onde é objecto de uma peritina vigilância por parte dos espías a soldo do governo russo.

Tomando como pretexto a greve dos mineiros de Montceau-les-Mines e a explosão de duas bombas em Lyon, a imprensa desta

última cidade aponta insidiosamente Kropotkine como chefe da agitação. Na noite de 21 de Dezembro morre em seus braços o seu cunhado, vítima da física, e três horas depois chegam os gendarmes com ordens de levarem preso Kropotkine. Roga que lhe permitam estar ao lado de sua esposa até ao momento de efectuar-se o enterro, ao que não acedem, levando-o naquela mesma noite a Lyon.

Eliseu Reclus, avisado telegraficamente, acode em seguida para o lado da desgraçada mulher, que chora ao mesmo tempo a morte do irmão e a prisão do esposo.

Além de Kropotkine, foram encarcerados e processados uns sessenta anarquistas de Lyon. Como não havia meio de envolvê-los na questão das explosões, procuraram-nos por supostos membros da Associação Internacional dos Trabalhadores. O julgamento, que despertou grande interesse, teve lugar em Janeiro de 83 e durou quinze dias. Não obstante ficar provado que em Lyon jamais se havia constituído nem uma só secção da Associação Internacional, todos foram condenados por pertencerem a ela. A quatro, entre eles Kropotkine, impôs-se-lhes cinco anos de prisão e dois mil francos de multa, e aos restantes, de um a quatro anos. Durante o julgamento, os acusados fizeram uma vibrante defesa dos seus ideais.

Aos que haviam sido condenados a mais de um ano, conduziram-nos à prisão central de Clairvaux. Kropotkine foi tratado com certa consideração, reservando-lhe um pequeno local para que pudesse continuar os seus trabalhos literários e científicos.

Um bom número de homens de ciência ingleses, entre eles Spencer e Sminburne, firmaram uma exposição, dirigida ao governo francês, pedindo a libertação de Kropotkine. Victor Hugo também a solicitou com quantas frases de elogio para o ilustre preso. A Academia de Ciências de Paris ofereceu-lhe quantas obras lhe necessitasse da sua biblioteca.

No carcere Kropotkine organiza classes dando lições de cosmografia, geometria e física a seus companheiros, ajudando-os também no estudo de idiomas.

Devido à pressão da opinião pública, e não obstante a oposição do governo do czar, Kropotkine é posto em liberdade em meados de Janeiro de 1886.

Dirige-se a Paris, passando algumas semanas com sua esposa em casa de Elias Reclus, irmão de Eliseu. Faz uma conferência sobre anarquismo ante um público entusiasta, composto de milhares de pessoas. Prevendo que seria expulso, abandona a França e dirige-se a Londres, onde encontra dois antigos amigos: Stepiak e Tchaykovsky. Instala-se numa modesta casa de Harrow, construindo o mesmo Kropotkine uma parte do mobiliário, com a ajuda de Tchaykovsky, que tinha aprendido algo de carpintaria nos Estados Unidos. De vez em quando, dá treguas ao intenso trabalho intelectual, cultivando uma hortinha em companhia de sua esposa.

(Continúa)

acompanhar, ao comer, as duas sardinhas que as casas mais generosas lhe dão. Desminta, ainda, que com raras excepções o proprietário é aqui um madraço que nunca pegou num instrumento de trabalho, nunca sofreu a calcinante soalheira que dia a dia requieira a pobre carcassa do trabalhador, e que se na sua vida, algum sofrimento há é aquele cansado pelo desejo insofrido de mais amolar, de mais ganhar à custa do pobre rural, de mais roubar enfim!

Que não é ao informador de *A Batalha* que a *Defesa* responde porque ele, sem argumentos com que possa justificar as suas torpes afirmações, vomita afrontas sobre a viticultura duriença... Mas então que precisa mais do que aqueles que apresentam? Porque transcreveu a *Defesa* só a parte do nosso artigo em que apenas falávamos da revolta que nos causa e a todos os homens livres a exploração vil dos donos desta região? Porque escondem as categorias afirmações que a seguir faziamos sobre salários, horas de trabalho e tratamento dado ao rural? Cinismo? Jesuitismo? Tudo junto, talvez! Se é verdade que a *Defesa* tanto estima o trabalhador, porque nunca a vemos defender um pouco os seus interesses que ela confessa atravessarem uma «pequena» crise? Hipocrisias!

E nós é que somos arrieiros, segundo a sua frase, porque chamamos aos viticultores donos e exploradores! Que autoridade teréis vós para nos chamar arrieiros, se a cada passo a linguagem dos vossos artigos toma essa feição? Porque alcinhas de «ladres» os viticultores do Sul? Porque são os australianos «inimigos exploradores»?

Porque vos ferem os vossos interesses, que não vos cançais de dizer legítimos, mas... *quod erat demonstrandum*... Demais, ainda num dos vossos últimos números «um vosso camarada» vos alcinha de patifes e egoístas! Esse conhece-vos bem. E, fazendo nossas as suas palavras, é a primeira vez que nos dizemos de acordo com a raça maldita de parasitas que esta desgraçada região alimenta!

Camilo TEIXEIRA

## Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de *A Batalha*.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

## «A Voz do Operário»

Duas palavras ainda a propósito do incidente com um empregado

Quando do último incidente com o empregado Cristo, da Sociedade, dissemos aqui que o pessoal da tipografia e escritório, num impulso de solidariedade, sob todos os pontos de vista simpático, se colocara a seu lado chegando até a declarar à comissão administrativa que se o arguido proferira as palavras que lhe eram atribuídas, também todos os seus colegas de escritório as tinham proferido e por consequente também os devia atingir o castigo. A afirmação de que um outro caso muito grave havia determinado o castigo imposto — afirmação que na assembleia se viu ser falsa, como já é velha pecha na Sociedade — responderam os empregados resolvendo retomar o serviço aguardando o dia da assembleia, isto com excepção de dois colegas, perseguido que, como não lhe dissemos na ocasião o que era essa tão misteriosa falta, se colocaram abertamente a seu lado participando da sorte que esperava o alvejado.

Veiu a assembleia e verifica-se que fora um *truc* da comissão administrativa para quebrar a solidariedade manifestada o tal caso grave, e o pessoal que assim fora ludibriado o que fez? Isto apenas: aceitou a situação como um acto lógico e nem um protesto nem uma afirmação de repulsa por se ver assim ludibriado foi feito, o que nos leva à conclusão de que não era tal solidariedade o que em si sentiam, mas sim comodismo e o desejo de se libertarem, lançando às feras os três colegas, dois dos quais, diga-se de passagem, com largos anos de serviço na «Voz». Como vemos, o juízo que *A Batalha* formulou acusando os mesmos de amarelos não foi sem razão, pois de há muito se sabe que o escritório da «Voz» é uma enorme fogueira onde todo o pessoal se queima com intrigas, ódios, vaidades, balofas, e ambições. Para isso muito contribuiu a atitude das comissões administrativas que nos últimos anos dirigiram a Sociedade, com a sua falta de tino, de critério, e com actos até de desmoralização, a começar nos célebres banquetes bem regados com vinho, pago com o dinheiro da Sociedade e na mesma efectuados, até ao estado desgraçado em que muitas vezes certos ex-directores se apresentavam, diante do pessoal, citando-se até para os mais desmemoriados, um edificante incidente ocorrido na ocasião em que o dr. Lima Duque, então ministro do Trabalho, visitava a Sociedade, no ano passado, caso passado no próprio gabinete da direcção.

Como vemos, tudo isto é bem revelador da desmoralização a que a Sociedade chegou, com começo na dinastia dos «Ostras» até ao reinado de D. Xamuel — que o divino padre eterno tenha em sua santa guarda... Num semanário socialista de domingo último, vem uma carta dum empregado da Sociedade, corroborando o que acima dizemos acerca da solidariedade recusada aos três empregados suspensos, o que confirma em absoluto tudo o que dissemos, e mais não teríamos a dizer se não fosse o caso de aí se afirmar que *A Batalha* mantém uma campanha contra a «Voz do Operário», o que é uma refinada infâmia pois nem uma única palavra temos dito contra essa colectividade, que nos merece toda a simpatia pela sua missão educativa e de solidariedade. O que temos é fustigado os abusos e azoragados os vendilhões que na mesma se acolitam, empurrando-a e sumando-lhe uma parte da sua seiva, com menosprezo da enorme maioria associativa, como temos provado.

Mas o lado cómico da questão está em que esse empregado foi quem aqui, nas colunas deste jornal, rompeu o fogo numa campanha sob o pseudónimo de «Júlio de Medeiros», chamando aos dirigentes ineptos, incompetentes, inconscientes, etc., para mais tarde lhes cair nos braços, numa campanha antitese da que fizera na *Batalha*.

Uma carta

Com o pedido de publicação recebemos a carta que a seguir reproduzimos:

Presados amigos: Como *A Batalha* se tem ocupado dos casos ocorridos na sociedade «Voz do Operário» a ela recorro mais uma vez para, em nome da comissão de sindicância, declarar que é absolutamente falso que a mesma tivesse convidado o pessoal a formular queixas contra os seus colegas, «prometendo guardar sigilo». Sim, isto é absolutamente falso. O que a mesma fez quando tomou conta do seu lugar, foi convidar quem tivesse quaisquer declarações a prestar sobre a missão que a mesma ia desempenhar, a fazê-lo, isto em anúncios e ordem de serviço que a comissão mandou publicar, o que é muito diferente do que agora se vem dizer. É certo que vários empregados chamaram a atenção da mesma para a situação que o autor da local referida maninha na Sociedade, situação acumuladora, e que era revoltante no entender dos signatários da mesma. Mas a isso não ligou a sindicância nem liga a demissão que mais tarde foi dada ao indivíduo em questão, mas sim por achar desnecessário e dispensável o seu lugar num corpo de redacção do jornal da Sociedade, que saindo uma vez ao mês mantinha três redactores. E que a resolução não foi desaceretada provou-se mais tarde, em que os próprios sócios efectivos votando-se na assembleia uma moção convidando-o a optar, só o readmitiram porque, lealmente o confessaram, não sabiam fazer, como a sindicância sabia, o jornal da Sociedade. E se assim não é venham provas, mas verdadeiras, para então termos que o que mente.

Agradecendo a publicação desta, sou com toda estima

Francisco J. dos REIS

Secretário da comissão de sindicância

A assembleia geral desta colectividade, reúne novamente hoje, pelas 20,30 horas, a fim de discutir os relatórios de contas da C. A. correspondentes aos últimos cinco anos económicos.

## SOLIDARIEDADE

António Gonçalves, preso na esquadra das Mónicas há 117 dias, recebeu a quantia de 54\$30 duma queixa tirada no Arsenal da Marinha, por Carlos Augusto.

— Comunica-nos Francisco Ramos Graça ter recebido 310\$00, produto de um benefício realizado a seu favor, no salão de festas do S. U. da Construção Civil, e que lhe foi entregue por Linz Constantino.

## CARTA DO PORTO

### Um industrial de padaria que, sendo um patife, é afinal como todos os outros

Na rua Anselmo Braamcamp há uma padaria pertencente ao sr. António Joaquim dos Santos, que tem como encarregado-gerente um tal Alberto Marques Babo.

Em estabelecimentos desta ordem, devem prevalecer, não só todos os preceitos de higiene exigidos pela respectiva lei da delegação de saúde, mas ainda todos os escrúpulos pela respeitabilidade que é dado haver em todas as pessoas de bem.

Sucedem, porém, que estas justas e humanas regras de limpeza não têm sido muito observadas na citada padaria.

O tal gerente, tendo em pouca conta a salubridade pública, porque acima do bem está o lucro, servidamente, o interesse exclusivo do seu dono, mandava misturar na chamada borra dos pobres as varreduras do chão, adstritas a todas as porcarias que se pudessem juntar.

O operário Adelino Henrique Borges, bem como o amassador António Ventura Cardoso, protestavam, não só contra aquele facto, como igualmente contra a pretensão do gerente querer que se apresentasse pão de boas condições empregando-se nele farinha de péssima qualidade, além de se lhe misturar 20 % de farinha de segunda.

Isto deu em resultado as más vistas do Babo, o qual, julgando-se um nababo, despediu os dois operários conscientes. Como o Adelino Henrique e o Ventura fossem perante o patrão expôr-lhe o caso, este «ficou» muito admirado com a mistela do seu encarregado, proibindo-lhe — certamente para inglês ver — que excessos qualquer imundície no pão, visto que não queria que a sua casa fosse descredida.

Mas o gerente, que à força pretendia envenenar o público, aconselhou então um ajudante de padaria a que aproveitasse a farinha que varria do chão na estufa por cima do forno e a que a deitasse, sem que os amassadores vissem, na borra.

Sendo um dia visto o referido ajudante a fazer esse serviço, os operários mencionados obrigaram-no a deitar outra vez no chão a farinha suja — o que imediatamente se deu.

Esta digna atitude deu em resultado o Ventura Cardoso ser mais tarde despedido novamente, a pretexto de ter sido adquirido uma amassadeira mecânica. Se ponderarmos, porém, que ele foi substituído por um ajudante e mais tarde por um outro amassador, chegamos à conclusão de que se tratou de uma torpe vingança.

É claro que esta repulsa do gerente estendeu-se também ao Adelino: começou por exigir que se transgredisse o descanso semanal, obrigando, para isso, que o serviço aos sábados principiasse mais tarde do que o costume. Desta forma impossibilitava que o trabalho terminasse às 8 horas da manhã de domingo, como ficara deliberado de acordo com as autoridades, os patrões e a Associação dos Operários Manipuladores de Pão.

Novo protesto, nova despedida do Adelino e um movimento de solidariedade do restante pessoal, que obteve a prática da perseguição.

Como o industrial também acorresse à oficina a apaziguar os ânimos, foi aproveitada a ocasião para se lhe dizer que, além da falsificação e da porcaria, ainda por cima se roubava o público, em 10 %, ao balcão. Na casa existem um jogo de pesos legais e três pesos ilegais, sendo estes: um de 1 quilo e 800 gramas que funciona como tendo dois quilos; outro de 900 ou menos gramas, que é empregado como sendo de 1 quilo; e o terceiro que está como de 1 1/2 quilo, quando só tem 450 gramas...

Imaginam que o industrial de padaria se incomodou com a acusação? Apenas declarou que não tinham nada que prejudicasse o público: não sabem os operários o que são negócios?

Foi por uma questão de negócios que o caixaíro mandou enterrar no quintal, junto do estêrco, mais de seis arrobas de borra; e ainda foi por uma questão de negócio que o industrial, o sr. António Joaquim dos Santos, se sorriu jesuiticamente da miséria popular, quando lhe foi dito que aquele pão podia muito bem ter sido dado aos pobres...

Epilogo: o Adelino e o próprio ajudante serem despedidos, este por confirmar a deitadura das varreduras na borra e aquele por protestar contra a falta de higiene e contra a roubalheira de que o povo está sendo vítima na padaria da rua Anselmo Braamcamp — o que, aliás, acontece em todas as outras...

E assim que os industriais-moageiros enriquecem desalmadamente. E depois falam-nos em legiões vermelhas... Ora bolas...

C. V. S.

## Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Teve este Secretariado conhecimento, por intermédio dum delegado directo da Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeço de Vide, da prisão dos trabalhadores rurais daquela localidade Júlio Manuel Madeira, Francisco António Madeira, Roque Mena e Francisco Caneiras, devido a uma denúncia infundada enviada em carta anónima para as autoridades dali. Os presos foram removidos para a cadeia de Fronteira onde se encontram privados de refeições em virtude do delegado do governo não lhes ter abonado. Para tratar do assunto, este secretariado procurou o ministro do Interior não o tendo encontrado. Em sua substituição foi recebido pelo respectivo chefe de gabinete que prometeu informar ao governador civil de Portalegre a fim desta autoridade apurar da respectiva autoridade dos arguidos e proceder de harmonia com as suas investigações.

Também este Secretariado pediu para ser marcada uma audiência com o presidente do Ministério a fim de tratar do caso das deportações e presos espalhados há imenso tempo por várias esquadras, para regresso dos reaccionários desta terra em prejuízo de numerosas famílias que se vêm assim cercadas de tudo, absolutamente de tudo.

## AS GREVES

Tanoeiros e serradores mecânicos

VILA NOVA DE GAIA, 6.—Conforme informámos foi declarada a greve geral na classe de tanoeira a qual terá início amanhã. Entre a classe dos tanoeiros e serradores mecânicos lavra grande excitação devido à inércia dos governantes.

O comité a quem está a cargo o movimento grevista fez distribuir profusamente um manifesto do qual recortamos o seguinte:

«A greve que acaba de ser votada pela classe representa as consequências dum desleixo inqualificável e intolerante a que os nossos governantes têm deitado uma questão que tem trazido à classe prejuízos grandiosos, crises assustadoras, miséria e ao próprio Estado prejuízos incalculáveis — o vasilhame de «torna-viagem».

Na rua, camaradas, com as oficinas paralisadas, pode ser que por esta maneira o ministro das Finanças mande chamar a comissão que nomeou para regularizar a entrada no país dessa maldita obra que é a afronta dumha classe inteira e a vergonha dumha nação.

Nada de desalentos, porque a vitória será nossa, indubitavelmente. Não se trata dum pedido de aumento de salário; trata-se de assegurar o pão de milhares e milhares de criaturas a quem a negregada fome já há muito entra desalmadamente dentro dos seus lares arrastando-nos para a vala comum pela fome e pela miséria a nós, as nossas companheiras e aos nossos queridos filhos que cedo começam a ser vítimas dos desígnios desta sociedade que para uns são favos de mel e para outros amarelissimos fel.

Desta vez, cremos, o ministro tem que nos escutar, porque a classe está disposta a, em todo o país, abandonar o trabalho e não o retomar sem que justiça seja feita à classe, isto é, aboio por completo a entrada em Portugal do vasilhame de «torna-viagem» armado.

Sim. Pode-se admitir que uma classe como a nossa possa estar à mercê de caprichos ou inconsciências governamentais? Nos outros países, onde se repara para o progresso e desenvolvimento das indústrias, o que exportam não mais volta à procedência. Temos para exemplo as latas de carboneto, petróleo, gasolina, barricas de cimento, barris de óleo, etc.

Camaradas—Neste momento, que é preciso muita união e muita calma, não confiamos pamente na vossa solidariedade e o grito dos tanoeiros e dos serradores mecânicos deve ser este: Viva a greve geral da classe! Viva a união dos tanoeiros e serradores mecânicos!

### Pessoal de vias e obras

SOULZ, 2.—A propósito da greve do pessoal que trabalha na construção do caminho de ferro que liga Extremoz a Castelo de Vide, no dia 1 de outubro os trabalhadores da estação de Souzel receberam às 10 horas a notícia da greve, que consistia na reclamação de aumento de salário, e abandonaram logo o trabalho, nomeando uma comissão de 5 membros para comunicar o facto aos que trabalhavam no apeadeiro de Santo Amaro.

Ao chegar ali a comissão e informando o pessoal do que se passava, apareceu o engenheiro José Barros e António das Dóres Costa, que indagaram do que se tratava e imediatamente mandaram retirar a comissão, caso contrário comunicariam o facto à força armada e ameaçando o pessoal que não quisesse trabalhar de seria considerado despedido.

Do que houver informarei.—C.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Manufaturas de Calçado da Faro

FARO, 3.—Reúniu extraordinariamente a classe dos manufactores de calçado para apreciar um ofício dos industriais em que comunicavam as resoluções tomadas e consistiam na redução de 20 % nos preços da tabela actual.

Depois de diversos componentes da classe terem usado da palavra verberando indignadamente a atitude dos industriais, foi resolvido responder ao ofício destes, fazendo-lhes sentir que a classe não está disposta a consentir na baixa da mão de obra. Foi também aprovada por unanimidade uma proposta para que os manufactores de calçado que trabalham para os industriais não executem obras para os mesmos sem que eles deem uma resposta satisfatória à classe, ficando em sessão permanente até completa solução do conflito.

Esta classe lamenta que os industriais queiram arrastar os manufactores para a luta exigindo uma baixa de salários que não há razão de existir no momento actual.—C.

## Queixas e reclamações

Uma irregularidade

Escrevem-nos de Vila Real de Santo António, relatando um facto que se passa na fábrica de conservas de peixe da firma Ramires & C. em que é protagonista um indivíduo de nome Martinho Andrade e as vítimas as operárias que trabalham na referida fábrica. O seu trabalho é a horas, e percebem por cada hora a insignificante de \$60, e aquele, senhor, quando lhes faz o pagamento semanal, reduz sempre três e quatro horas de trabalho, o que dá motivo a perceberem menos salário, não podendo as atingidas reclamar o que lhes pertence, sem que sejam insultadas e ameaçadas de irem para a rua.

Era justo pôr termo a esta irregularidade.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 15 desta revista intitulada «Redimida», de Fernando Claro. Preço, \$50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

## Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de Pão.—Reúniu a assembleia geral no passado domingo que, entre outros assuntos, apreciou a atitude dos industriais de padaria que desrespeitaram a lei do descanso semanal, resolvendo a assembleia que a comissão administrativa lhe oficie comunicando as resoluções da classe que não se conforma com a infração. Também foi exposta a atitude da Câmara Municipal e do governador civil, entidades a quem foram enviados ofícios pedindo o cumprimento da lei e sobre os quais ainda não recebeu este sindicato resposta. Por último a assembleia tomou conhecimento da atitude do fiscal Oliveira que sem motivo justificado transfere o pessoal da sua área de padaria em padaria, com o fim de lhe reduzir os salários.

Federação Metalúrgica.—Reúniu a Comissão Administrativa para apreciar as resoluções tomadas na Conferência da Classe realizada em Santarém, sendo resolvido oficiar aos organismos seus aderentes, no sentido não só de pôr em prática as mesmas, como também intensificar a propaganda no sentido do levantamento da organização metalúrgica.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Federação do Calçado, Couros e Peles.—Comissão Administrativa, pelas 21 horas.

Federação Mobiliária.—Conselho Federal—A's 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciação dum documento do S. U. Mobiliário do Porto; idem de várias propostas da Associação dos Cesteiros de Gonçalo; resolver sobre um ofício da Delegação Federal do Norte; vários assuntos de grande importância.

S. U. Mobiliário.—A's 20,30 horas, a assembleia geral para tratar de assuntos de grande urgência.

Conselho Inter-Sindical dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais do Centro e Sul (discordantes da atitude da F. M.)—A's 21 horas, para activar os seus trabalhos.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina.—Pelas 21 horas.

S. U. Metalúrgico de Lisboa.—Pelas 20,30 a Comissão Administrativa.

S. U. Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 21 horas reúne o conselho de delegados.

Secção dos Pedreiros.—Pelas 20 horas, a Comissão Administrativa, os delegados ao Conselho Técnico, Conselho de Secções e a Comissão de Defesa Profissional para tratarem dum assunto urgente.

C. Mestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.—Reúnem, pelas 18 horas, a Comissão Administrativa e Conselho Fiscal para tratarem de assuntos urgentes.

Operários Municipais.—Pelas 14 horas, nos Paços do Concelho a comissão de melhoramentos.

### SINDICATOS DA PROVINCIA

Rurais de Cabeço.—Reúniu em assembleia geral para apreciar os trabalhos dos Congressos Federal e Confederal. Presidia Joaquim Aurélio dos Santos, secretário por Manuel Almeida de Carliho e António Parrachil, que fez um pequeno discurso de propaganda sindicalista.

Usaram da palavra Alfredo Angelino, Pedro Alexandre, Manuel de Almeida, que se referem aos trabalhos dos Congressos e à parte administrativa da Federação Rural e C. S. T. que mereceu elogios dos congressistas. Repudiam as calúnias adrede inventadas pelos inimigos da organização e fazem em seguida uma propaganda anti-alcoólica, aconselhando os trabalhadores a ingressarem no sindicato e a abandonarem a taberna.

A assembleia foi encerrada no meio do maior entusiasmo.—C.

Corticeiros de Faro.—Reúnam em assembleia geral no dia 3 para tratar de diversos assuntos e apreciar o relatório do Congresso Confederal. Depois de usarem da palavra vários oradores foi o relatório aprovado.

### JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secretariado Central.—Reúne-se hoje, pelas 20,30 horas, para, entre outros assuntos, resolver sobre a ordem de trabalhos da próxima assembleia geral.

Voz Sindical.—Os encarregados da venda deste semanário devem vir buscá-lo hoje à sede central do Núcleo, das 20 às 22 horas.

Núcleo de Silves.—Reúne amanhã, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: apresentação de contas do 3.º trimestre do ano corrente; preenchimento de cargos vagos; criação dumha aula de educação mútua e assuntos vários de ordem interna.

## Secção Telegráfica

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Terrugem.—Associação rural.—Mandem o requerimento em duplicado, mas em papel comum de 25 linhas. Não é selado. Não se esqueçam de duas testemunhas, residência, profissão e naturalidade.

Santarém.—Fragoso.—Oficina à Federação Metalúrgica, dizendo «que há sobre metalúrgicos».

## Jazigos ossuários

Vendem-se para todos os cemitérios de Lisboa ou província. Escadinhas da Arrochela, 56 a São Bento.

## Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo de Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vanderveide. Preço \$500.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquadras — A transformação da República, por Campos Lima. Preço \$600.

A vida em todas as línguas e na administração de *A Batalha*. (Desconto aos revendedores).

## O juízo dum «colega» sobre o que escrevemos àcerca de Rede

REDE, 4. — A *Defesa* do Douro, órgão dos viticultores desta região, escreve no seu último número umas... coisas, sobre o nosso artigo na *Batalha* de 6 do corrente, a que vamos procurar responder (para que não possam alcinhar-nos de arrieiros) com a maior calma. Em verdade a resposta a dar-se ao «arrazado vinícola» seria a mais franca gargalhada, pois confessamos que a «*Defesa*» causa riso quando nos dá belos conselhos para os nossos processos de luta jornalística. Senão leia-se este bocadinho de ouro: «Registe-o lá *A Batalha* e veja se muda de processos. Defenda *A Batalha* a propriedade; verbe o aumento escandaloso dos impostos; advogue a necessidade da publicação de leis de fomento agrícola e interesse-se pela negociação de tratados comerciais que nos assegurem a venda do produto que exportamos!»

Não querem mais nada? E depois queixam-se porque chamamos exploradores aos lavradores do Douro! Então não querem lá ver *A Batalha* a defender a propriedade, a lei, os tratados comerciais?... Quem há por aí que não lha consolida com o ler isto? Estes «bons» amigos dos operários, a quem muito respeitamos, segundo dizem, estão a mangar connosco, ou estão «incomodados» das águas furtadas? Que salário nos pagariam os ilustres jornalistas pelo trabalho de defesa dos seus interesses? Os mesmos 4\$50 diários que por aqui se pagam aos felizes rurais, que segundo a «*Defesa*» atravessam agora uma pequena crise?

Que «não atente *A Batalha* contra a propriedade nem combata uma lavoura que lhe deve merecer todo o respeito e que devia até inspirar a sua defesa!»

Isto é o cúmulo da inconsciência ou quê? Que bem cabe aqui a devolução do título do artigo da «*Defesa*! Então nós é que somos inconscientes ó «arrieiros» colegas? Se sabeis que a *Batalha* é um «diário sindicalista porta voz da organização operária portuguesa» como queiréis que ela vá defender os interesses dos que até hoje têm colhido a parte de leite no trabalho árduo a que vós sujeitos os tais trabalhadores que vos merecem «muita consideração e o